

NARRATIVAS IDENTITÁRIAS DA CAPOEIRA NA REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE – RBCE

Juliana Azevedo de Almeida¹

UFES

Antonio Jorge G. Soares

Doutor – UFRJ / UGF

Bolsista do CNPq – PROTEORIA

Marcelo Nunes de Almeida²

UGF

RESUMO

O artigo analisa a produção da capoeira na RBCE entre os anos de 1979 a 2006. Analisamos o conteúdo dos vinte e dois artigos a partir das referências dos estudos culturais. Conclui-se que os limites entre as análises e interpretações acadêmicas e as “nativas” sobre a capoeira são, por vezes, tênues e pouco demarcados. As narrativas sobre o tema da identidade na capoeira confundem, por vezes, afirmação identitária com a busca dos mecanismos sociais que grupos produzem seus processos de identificação.

ABSTRACT

The article analyzes the production of “capoeira” on RBCE within the years 1979 to 2006. We analyze the content of the twenty-two articles from the references of the cultural studies. One can conclude that the limits between the academic analyses and interpretations and the “native” ones about “capoeira” sometimes are tenuous and little bind. The narrative about the theme of the identity in “capoeira” mistakes, sometimes, identity affirmation with the search of the social mechanisms that groups produce their identification processes.

RESUMEN

El artículo analiza la producción de la capoeira en la RBCE entre los años de 1979 a 2006. Analizamos el contenido de los veintidós artículos a partir de las referencias de los estudios culturales. Se concluye que los límites entre los análisis e interpretaciones académicas y las “nativas” sobre la capoeira son, por veces, tenues y poco demarcados. Las narrativas sobre el tema de la identidad en la capoeira confunden, por veces, afirmación identitária con la busca de los mecanismos sociales que grupos producen sus procesos de identificación.

1 – INTRODUÇÃO

A cultura é um espaço de lutas sociais para afirmar significados e valores. Partilhamos da noção que não existe cultura pura: todo sistema cultural se constrói a partir

¹ Atualmente mestranda em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES.

² Mestrando em Educação Física pela Universidade Gama Filho - UGF.

de contatos com o “outro”, de disputas internas ou externas e do grau de equilíbrio entre reprodução e transformação. Todavia, o que sustenta um determinado sistema cultural é sua capacidade de reprodução. Poderíamos pensar que existem sistemas culturais mais abertos e permeáveis a contatos e outros mais fechados. Isso é uma questão de grau. Nessa direção devemos pensar que o conceito de cultura para o analista social não pode prescindir da categoria de aculturação:

A aculturação é o conjunto de fenômenos que resultam de um contato contínuo e direto entre grupos de indivíduos de culturas diferentes e que provocam mudanças nos modelos (*patterns*) culturais iniciais de um ou dos dois grupos (Memorando para o estudo da aculturação, apud CUCHE, 2002, p. 115).

Certamente a aculturação não é a transformação de uma cultura na outra. Na realidade, uma cultura se modifica através da “seleção” de elementos, objetos, tecnologias e valores do “outro” com os quais teve contato. Esta seleção se faz segundo contingências e tendências presentes no mapa da cultura que incorpora “as coisas do outro”. Por certo, tal incorporação não se dá sem disputas e negociações.

Cabe ainda uma distinção conceitual entre os termos cultura e identidade. Cuche (2002) indica que a cultura pode ser socializada de forma tal que se incorpora aos modos de ação dos atores sociais de forma “quase inconsciente” - além disso, os sujeitos podem contrapor-se a cultura a qual pertence. Em contrapartida as identidades são acionadas e afirmadas sempre a partir de uma vinculação consciente e normativa em relação ao “outro”. A identidade é, portanto, uma forma de atribuir significado aos grupos e coletividades ao mesmo tempo em que estabelece distinção ou exclusão de um “outro”. Hobsbawn (1998) acrescenta que diante de inimigos reais ou inventados, os grupos sociais ou coletividades aumentam a sua coesão interna e afirmam sentimentos mais fortes de vinculação a uma identidade.

Nesse contexto, temos como objetivo de pesquisa identificar nos artigos sobre capoeira na RBCE as noções e conceitos de cultura e identidade trabalhadas no espaço de reflexão acadêmica. Estaremos preocupados em observar se e como os articulistas utilizam o instrumental acadêmico para afirmar ideologias e identidades forjadas no meio “nativo” da capoeira. Prosseguindo nesse sentido, exporemos alguns exemplos de trechos retirados dos artigos da RBCE que foram analisados e interpretados.

2 – AS NARRATIVAS DA CAPOEIRA NA RBCE

Os argumentos até aqui desenvolvidos indicam que o olhar pelo qual vamos analisar a produção sobre capoeira na RBCE está em contraposição às leituras essencialistas do conceito de cultura e identidade³. Nesse sentido Cuche (2002) indica que as análises essencialistas consideram que

a origem, as “raízes” segundo a imagem comum, seriam o fundamento de toda identidade cultural, isto é, aquilo que definiria o indivíduo de maneira autêntica. [...] Em outras palavras, a identidade seria preexistente ao indivíduo que não teria alternativa senão aderir a ela, sob o risco de se tornar um marginal, um “desenraizado” (2002, p. 178).

A análise dos artigos sobre capoeira apontou para existência de uma forte marca

³ Cuche explica que “‘cultura’ e ‘identidade’ são conceitos que remetem a uma mesma realidade, vista por dois ângulos diferentes. Uma concepção essencialista da identidade não resiste mais a um exame do que uma concepção essencialista da cultura” (2002, p.14).

nas narrativas acadêmicas na Educação Física. As mesmas apresentam características de afirmação de uma identidade essencializada. Vejamos:

A importância desse estudo está no resgate da identidade que advém da origem da capoeira e seu desvirtuamento em função de interesses externos a ela (CORDEIRO, 1991, p. 104).

Podemos identificar acima o sentimento de perda que a transformação ou mudança dessa prática causa no analista, perda essa, lida como desvirtuamento, isto é, algo que perdeu seu curso e desviou-se do “bom caminho”. Se o argumento fosse levado ao extremo poderíamos afirmar que Cordeiro gostaria de que este fenômeno cultural tivesse se mantido estático, como não se manteve, o analista justifica seu estudo como uma forma de resgate da identidade do capoeira. Todavia, o resgate que vem associado a idéia de salvação nada mais é do que a atribuição de novos significados ao processo de identificação apoiados na tradição inventada. A conciliação com a tradição ou o uso do peso do passado como forma de legitimação no presente também estão presentes nos artigos acadêmicos no campo.

Neste sentido, a roda constitui-se em um *lugar do sagrado*, onde o capoeirista está recebendo toda energia dos seus ancestrais que vieram nessa luta ímpar pela liberdade. O sagrado fica evidente no respeito que o praticante deve ter em relação às “regras” instituídas ao longo do tempo pelos seus antecessores, à incorporação desses valores na sua vida, à sua responsabilidade de preservar os rituais e sua dedicação de educar [...] (CASTRO JR., 2004, p.153).

Aqui há ênfase nas origens, na tradição e na atemporalidade. O discurso de preservação da tradição ganha força a partir da criação de um mito de sobrenatural e sacro. Fica difícil distinguir se estamos diante de uma descrição “nativa” ou a análise se transforma em fonte. Será que o analista acredita que exista um encontro sobrenatural nas rodas no qual a “energia” dos capoeiristas ancestrais é sentida pelos atuais socializados nessa prática? A análise do autor sobre uma “capoeira ancestral”, parece desconsiderar que a capoeira praticada na capital do Império no século XIX estava organizada em maltas que lutavam armadas de facas e navalhas (SOARES, 1994). Dias (2001) indica que essas maltas atacavam indiscriminadamente brancos e negros, livres e escravos, parecendo obedecer muitos mais a motivos particulares e privados do que a uma ideologia de libertação.

Existem posições contrárias - entre os acadêmicos que tratam da capoeira - sobre essa idéia de identidade essencialista. Falcão (2005)⁴ explica que buscar a essência da capoeira em um determinado lugar, época ou sujeito é uma aventura romântica. Apesar disso, essa posição se configura em exceção na produção sobre capoeira no campo da Educação Física. Em geral, o grosso da produção, independente dos objetivos específicos dos estudos analisados, trabalham com uma argumentação de legitimação como algo genuíno e autêntico da cultura brasileira ou como símbolo da identidade nacional. A crítica que aparece nesse tipo de argumentação é contra as possibilidades de degradação quando associada à indústria do entretenimento. O analista social deve ter em mente, para controle de suas interpretações, que a identidade cultural se caracteriza por sua fluidez, não podendo ser definida de forma estática como alguns analistas parecem pretender.

A capoeira, bem como outras manifestações sócio-culturais, passa por processos de transformação, o que a leva a reinterpretar-se continuamente, assumindo novas formas e significados que acompanham as modificações sofridas por toda sociedade. A

⁴ Esse artigo de Falcão (2005) não faz parte do corpo de análise desta pesquisa.

esportivização, a exportação e a mercadorização da capoeira complementam esse processo, mas são vistos por boa parte dos capoeiristas e acadêmicos como descaracterizador e reificador da capoeira, tirando a sua essência lúdica e a sua simbologia cultural. Por outro lado, alguns grupos pensam esse processo como “evolução”.

Grande parte dos artigos analisados discute, parcialmente, as transformações e segmentações da capoeira. A incorporação de características estrangeiras ou modernizantes, segundo alguns analistas, faz com que essa manifestação “perca a sua identidade cultural”. Podemos perceber no trecho abaixo:

Não é recente a preocupação dos intelectuais brasileiros com a questão da importação de padrões de comportamento estrangeiros e a conseqüente fragilização de nossa identidade cultural (VIEIRA, 1989, p. 58).

Vieira (1989) reproduz o discurso “nativo”. Poderemos observar a mesma preocupação de mestre Pastinha⁵, em seu livro *Capoeira Angola*⁶, ressaltando as características peculiares deste segmento da capoeira, que segundo ele ainda não havia sofrido um processo de descaracterização. Vejamos:

É lógico que nos referimos à Capoeira Angola, a legítima Capoeira trazida pelos africanos e não a mistura de capoeira com box, luta livre americana, judô, jiu-jitsu etc. que lhe tiram suas características, não passando de uma modalidade mista de luta ou defesa pessoal onde se encontram golpes e contra golpes de todos os métodos de luta conhecidos (PASTINHA, 1988, p. 31).

Devemos relembrar que as identidades e as culturas se formam e se afirmam no contato com o “outro”. O sentimento de perda cultural mediante ao contato alimenta as fantasias de pureza cultural. Cuche (2002) explica que as culturas em contato sofrem um processo de desestruturação e reestruturação que nada mais é do que a dinâmica comum de um dado sistema cultural. Podemos pensar que a capoeira também está na esteira da globalização que faz com que complexos processos e forças de mudança atravessem “fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações espaço-tempo [...]” (HALL, 2005, p.67).

Observe-mos que o impacto da mensagem midiática sobre as culturas e as identidades é duramente criticado na produção da Educação Física/capoeira. A mídia é apresentada como a vilã do capitalismo ocidental que aprisiona corpos e subjetividades:

Hoje, em praticamente todas as expressões da cultura corporal, o movimento humano transformou-se em mercadoria, por força da mídia, que determina o seu consumo à revelia, estimulando a sua auto-reprodução. Entretanto, um jogo, uma dança, uma luta, etc., são situações históricas em que transcorrem subjetividades e relações objetivas particulares que lhes dão sentido. O movimento corporal humano é uma atividade inserida no mundo da cultura e constitui-se num conjunto de elementos objetivos (ato motor, estilo, técnica, tática, etc.) e subjetivos (sensações, emoção, representação intelectual, etc.) que, para encaixar-se nos cânones da reprodutibilidade técnica e da produção seriada,

⁵ Vicente Ferreira Pastinha é considerado por muitos praticantes e pesquisadores como o maior representante da capoeira Angola. Mestre Pastinha como era conhecido, nasceu em 1889 e foi iniciado na capoeira ainda menino por um negro de Angola chamado Benedito. Pastinha fundou a primeira academia de capoeira Angola em 23 de dezembro de 1941, a nona academia de atividade física do país, sendo precedido nesta empreitada por dois famosos nomes da capoeira, Sinhozinho no Rio de Janeiro e Bimba na Bahia (CAPINUSSÚ, 1989).

⁶ Capoeira Angola trata-se de um estilo que parece ser reconhecido pela maioria dos praticantes de capoeira como uma vertente mais tradicional. Os praticantes deste estilo se intitulam “angoleiros” e parecem acreditar ser esta, mais pura e original, assim mais próxima da capoeira que os escravos oriundos de Angola teriam trazido da África, portanto, acreditando na capoeira como uma manifestação africana e não brasileira.

típica do modo de produção capitalista, precisa ser alterado na sua essência (FALCÃO, 2006, p.65).

Não podemos deixar de apontar o paradoxo instalado nos discursos de Falcão (2005 e 2006). Enquanto no artigo produzido em 2005 ele critica o essencialismo identitário - explicando que a essência da capoeira não está no passado, mas, sim, no seu **movimento de desenvolvimento contínuo**, fruto de determinações múltiplas e complexas – no trecho acima, produzido em 2006, Falcão vem criticar a adaptação (“encaixe”) da capoeira aos “cânones” do sistema capitalista, lamentando que assim essa manifestação **altera a sua essência**. Mas, as contradições não param por aí. Observemos os trechos abaixo:

Os grandes grupos [...] têm disseminado uma estética crescentemente performática e espetacularizada, alimentada pelos veículos de comunicação que reproduzem na maioria dos casos, os interesses do capital.

[...] Embora [a capoeira] tenha se tornado refém, como mercadoria, dos interesses do capital, consolidou, no calor das contradições do seu desenvolvimento histórico, saberes significativos que têm despertado o interesse de muita gente ao redor do mundo.

Pode-se verificar que, tal como outras práticas significativas, o jogo da capoeira é condicionado por valores e regras sociais que influenciam na materialização de sua forma/conteúdo. Como construção social [...] e como manifestação cultural [...], o jogo da capoeira é influenciado pelo tempo histórico em que se situa, e também, edificado a partir dos interesses e das ações dos sujeitos que, por meio dele, atuam e disputam poder na sociedade. [...] Atualmente ele [o jogo da capoeira] tem se apresentado mais sintonizado com outras categorias típicas do ideário neoliberal, como espetacularização, racionalização, competição e performance (FALCÃO, 2006, p.72).

Os trechos acima apontam as contradições discursivas atuais do articulista e acabam fornecendo uma idéia que a capoeira se transformou “numa das empresas do capitalismo”. Seu processo de difusão em direção aos países desenvolvidos através de indivíduos que levam em sua bagagem berimbaus, pandeiros e atabaques, muitos deles para venderem como camelôs, não podem ser encarados como uma “empresa” que se organiza e se espetaculariza em simbiose com a “mídia/sistema capitalista”. Deveríamos pensar que esse movimento da capoeira, através de seus agentes, se relaciona, por um lado, com um movimento mais amplo de migração pós-colonial no atual estágio do capitalismo moderno e, por outro, com as especificidades dessa manifestação cultural no mercado global das culturas. No mercado transnacional das identidades nacionais, países como Brasil, Argentina e Cuba, se notabilizaram desde cedo, no início do séc. XX, por exportar corpos, ritmos e comidas exóticas (ARCHETTI, 2003). Nesse sentido, não estamos dizendo muita coisa em termos analíticos se apenas dizemos que a capoeira não é “uma ilha” e ela é produto das condições históricas produzidos por homens e mulheres concretas (FALCÃO, 2006). Mas, o que não é? Não estamos mais dialogando contra a religião no renascimento artístico e científico no ocidente.

Cuche (2002) esclarece que a mensagem midiática, apesar de ser transmitida uniformemente, não é recebida por todos os indivíduos da mesma forma e afirma que “é falso pensar que os meios populares seriam mais vulneráveis à mensagem da mídia” (p. 158-159). Além disso, as empresas multinacionais da mídia são obrigadas a adaptarem-se a cultura local quando entram no mercado de um determinado país⁷ (CUCHE, 2002). A lógica da mídia é a lógica do capitalismo, isto é, a acumulação ilimitada de capital não

⁷ “Uma série de pesquisas evidenciaram o impacto das culturas nacionais sobre as culturas de empresa (Iribarne, 1989). A partir de pesquisas comparativas, pôde-se demonstrar que empresas idênticas instaladas em países diferentes funcionavam segundo sistemas culturais diferentes” (CUCHE, 2002, p.219).

importando fundamentalmente com o conteúdo a ser vendido. Lembremo-nos de que o capitalismo é um sistema plástico e complexo que não se define por um acordo entre poderosos sentados à mesa para traçar a ideologia que deve inebriar o povo (BOLTANSKI, 2005).

Diante desse quadro de mudanças rápidas e contínuas das sociedades, Vianna (2005) explica que o capitalismo passou a desautorizar os projetos nacionalistas, homogeneizantes, que pregavam a unidade cultural da pátria. A sociedade de hoje é fragmentada e essa desagregação capitalista tem sentido contrário ao de unidade dos grupos. Talvez, essa seja uma hipótese de trabalho para entender a condenação e as críticas ao capitalismo e à segmentação, mudança e multiplicação de escolas e estilos de capoeira, tanto por parte dos analistas que são, em certa medida, “guardiões da verdadeira capoeira”, quanto por parte dos grupos mais tradicionais que pensam nas mudanças como degradação.

No Brasil, a afirmação da identidade nacional foi fortemente agenciada durante a ditadura de Getúlio Vargas. Podemos dizer que Mestre Bimba⁸ foi um dos articuladores da entrada da capoeira no cenário cultural. Na década de 30, estudantes universitários o procuravam para aprenderem a capoeira em suas pensões.

A luta para transformar a capoeira em conteúdo curricular e/ou educacional ainda se faz presente. A inclusão da capoeira nos Jogos Escolares Brasileiros (JEB's), em 1985, e o Programa Nacional de Capoeira, criado pelo SEED-MEC em 1987 foram acontecimentos importantes nesse sentido. Apesar das várias tentativas de se institucionalizar a capoeira por intermédio do Estado, o sucesso esperado não foi totalmente obtido segundo a visão dos capoeiristas⁹. Observemos que a produção acadêmica da capoeira no campo da Educação Física - como não poderia deixar de ser - representa uma das formas de luta para transformá-la em conteúdo escolar. Nesse contexto, vários discursos relacionados à capoeira e a educação foram elaborados, como veremos alguns exemplos:

Dessa maneira, o ensino da “tradição da roda” adota o círculo enquanto movimento inicial e final da aula, prestigia a hierarquia da alteridade dos mais sábios e mais velhos, possibilita situações em que estão presentes a sensibilidade, a emoção, a intuição e a razão continuamente, vislumbra neste processo a conscientização dos alunos de uma realidade perversa oriunda do processo colonialista que repercute nos nossos dias e possibilita um conhecimento ligado ao seu legado cultural (CASTRO JR.; SANT'ANNA SOBRINHO, 2002, p.99).

Será que simplesmente por seguir as tradições da roda de capoeira – o posicionamento dos instrumentos na roda, o respeito aos mais graduados, agachar-se ao pé do berimbau, etc. - os “nativos” adquirem uma autonomia crítica diante dos processos histórico-sociais? Vemos que estamos, novamente, diante de ideologias que visam sustentar a idéia de que a capoeira, por si só, é produtora de atributos conscientizadores e educativos. Para o autor, o indivíduo torna-se um cidadão crítico e herdeiro de uma cultura

⁸ O Baiano Manoel dos Reis Machado, conhecido como mestre Bimba, nasceu em 1889, foi o criador do estilo de capoeira chamado Regional. Sua academia chamava-se Centro de Cultura Física Regional Baiana e foi criada em 1932 (ALMEIDA, 1982), sendo esta a quinta academia de atividade física criada no país (CAPINUSSÚ, 1989).

⁹ Existem inúmeras oposições de idéias e interesses entre os atores sociais da capoeira para que a mesma se institucionalize. Uma estruturação institucional que consiga conciliar essas diferenças, ainda não foi criada. Apesar da formação das Confederações e Federações de capoeira, muitos grupos não aderem a elas por discordarem com as suas normas e padronizações. Isso acaba por dificultar ações que evidenciem mais a capoeira no âmbito escolar e também no âmbito esportivo.

pelo simples fato de “seguir as tradições da roda”. Fica claro que o texto é um tipo de argumento de legitimação, de preservação e de exaltação das tradições.

Vejamos o trecho a seguir:

[...] destarte há uma necessidade da escola ser um complexo de oferta de “cultura brasileira” e ministrada de forma interdisciplinar sob a perspectiva vivencial-operativa, cujo desdobramento do binômio quer dizer “educar pela arte” e “educar pela inteligência”; assim o Projeto Capoeira na Rede Oficial de Ensino propõe a formulação de uma outra opção de escola, mais democrática e identificada com o saber e a alma do povo brasileiro. [...] A capoeira é excelente manifestação cultural brasileira coadjuvante na construção da inteligência e do comportamento do homem [...]. Ela é arte-luta que comunga, sem dicotomia, com as necessidades do corpo e da mente do brasileiro (MESTRE ZULU, 1989, p. 67).

Não podemos encarar Mestre Zulu como analista e, sim, como fonte para expressar os sentimentos de busca de legitimidade dessa prática cultural. A capoeira para Zulu está inserida no processo de construção da inteligência e do comportamento do homem, sobretudo do brasileiro, que deveria tê-la como necessária em sua vida. A estratégia de identidade¹⁰ para a afirmação da capoeira como conteúdo escolar talvez se transforme num efeito perverso contra as intenções de preservação de sua originalidade e identidade para os próprios defensores. Esse mestre, em sua apologia pela defesa de implantação desta atividade na Rede Oficial de Ensino poderá acabar standardizando a capoeira a partir do modelo pedagógico do esporte para que ela se torne objeto de ensino dos professores de Educação Física.

Na realidade, esses argumentos servem para demonstrar como alguns dos discursos são elaborados para legitimar capoeira na sociedade e, conseqüentemente, alcançar mais fatias no mercado educacional e/ou da esfera do entretenimento. Não achamos problemático esse desejo, o problema se situa quando veiculamos esse tipo de produção num periódico que se pretende científico, mesmo datado historicamente. A supervalorização do passado da capoeira é um das formas de inventar a originalidade, uma identidade essencial e etnizada em termos nacionais, para garantir seu espaço no esporte escolar e na Educação Física curricular. Vianna (2005) explica que o “antigamente” dá a idéia de respeito; de profundidade histórica a fenômenos mais recentes.

Sendo assim, como pensar em pedagogizar, portanto, universalizar um conteúdo que depende das singularidades e das experiências idiossincráticas? Falcão lamenta que “quase tudo fica restrito a conhecimentos pessoais adquiridos através das experiências práticas e de trabalhos individualizados de alguns interessados pela capoeira” (FALCÃO, 1995, p. 182). Esse mesmo autor explica no artigo que ainda não existe uma estruturação acadêmica e institucional que conduza a organização e normatização da capoeira, ficando tudo nas mãos daqueles que possuem o conhecimento herdado e que fazem trabalhos individuais com base na intuição e na experiência adquirida na tradição. Observemos aqui, mais uma vez, a contradição daqueles que pertence aos dois campos, a saber: o da capoeira e o da Educação Física. Se por um lado, valorizam a cultura popular e a tradição, por outro acabam por reclamar a ausência de estudos acadêmicos que gerem conhecimentos mais universalizados.

¹⁰ O conceito de estratégia [de identidade] indica [...] que o indivíduo, enquanto ator social, não é desprovido de uma certa margem de manobra. Em função de sua avaliação da situação, ele utiliza seus recursos de identidade de maneira estratégica. Na medida em que ela é um motivo de lutas sociais de classificação que buscam a reprodução ou a reviravolta das relações de dominação, a identidade se constrói através das estratégias dos atores sociais (CUCHE, 2002, p.196).

Por fim, poderia a escolarização da capoeira revelar sua aceitação na educação brasileira a partir dos valores de uma classe média branca¹¹? Onde estaria a resistência no passado e no presente da capoeira?

3 – CONCLUSÕES

Identificamos que a afirmação da identidade cultural e étnica da capoeira foi o argumento central utilizado, o qual buscava afirmar o negro e sua cultura como resistência cultural. Sobretudo, a tentativa de afirmação da identidade da capoeira a partir de discursos chauvinistas, heróicos e mágicos, só possui o significado na esteira romântica, que se opõe à secularização de uma sociedade de identidades fragmentadas e heterogêneas. De fato, preservação da tradição, a afirmação da autenticidade brasileira da capoeira e a criação de mitos (dentre outras estratégias) lhe dão um tom de exótico, o que a torna um produto rentável no mercado internacional.

Apesar dessa “resistência às modificações” na capoeira, seus atores sociais estão mais inseridos no processo o qual criticam do que eles pensam. Cuche (2002) explica que os sujeitos desses processos - chamados de “processos de contra-aculturação” - muito frequentemente, pegam emprestadas as mesmas representações da cultura que eles tentam combater. “A contra-aculturação, longe de ser uma volta às origens – o que ela gostaria de ser – é apenas um tipo, entre outros, de uma nova estruturação cultural. Ela não produz o antigo, mas o novo” (CUCHE, p. 140),

Não podemos deixar de lembrar que a maioria dos artigos analisados abordou os supostos processos de aculturação vividos pela capoeira, assumindo um tom moralista, saudoso e, conseqüentemente, conservador. No fundo o saudosismo busca afirmar uma identidade mais estável para capoeira, procurando manter a sua suposta autenticidade que é um discurso fundamental para manutenção da sua imagem de símbolo nacional. A busca por uma capoeira “autêntica” acaba por permear boa parte da produção do campo.

Sendo assim, concluímos que os artigos produzidos (entre 1989 a 2006)¹² na RBCE, possuem uma narrativa de afirmação de identidade que se funda em um romantismo e em um nacionalismo conservador, sendo essa uma estratégia utilizada como ferramenta de valorização dessa manifestação “travestida” de ferramenta de pesquisa.

4 - REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Raimundo César de. **Bimba, perfil do mestre**. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1982.

ARCHETTI, E. **Masculinidades: fútbol, tango y polo en la Argentina**. Buenos Aires: Antropofagia, 2003.

¹¹ Esse fato é tão presente que, em 1996, a proposta educacional dos PCN’s sugeriu que a escola viesse tratar de seis grandes temas transversais, sendo, um deles, a pluralidade cultural. Este cenário foi fortalecido com a lei 10.639 assinada em nove de janeiro pelo presidente Lula que determinou a inclusão do ensino da história da África e cultura afro-brasileira nos programas de aulas. Vale destacar, que essa lei foi constituída com base em estatísticas acerca da ausência e evasão de negros das escolas, sendo que o principal motivo é o racismo.

¹² Cabe lembrar que este estudo não estudou a trajetória discursiva dos autores. A proposta era de somente interpretar as noções e conceitos de identidade cultural e cultura presentes nos artigos sobre a capoeira produzidos na RBCE.

BOLTANSKI, Luc and Chiapello. *Eve The New Spirit of Capitalism*. **International Journal of Politics, Culture, and Societys pringer Netherlands**. Volume 18, Numbers 3-4 / June, 2005, p. 161-188.

CAPINUSSÚ, José Maurício. **Administração e Marketing nas Academias de Ginástica** / José Maurício Capinussú, Lamartine Pereira da Costa. São Paulo: Ibrasa , 1989.

CASTRO JÚNIOR, Luís Vitor; SANT'ANNA SOBRINHO, José. O ensino da capoeira: por uma prática nagô. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.23, n.2, p. 89-103, jan.2002.

CASTRO JÚNIOR, Luis Vitor. Capoeira Angola: *olhares e toques cruzados* entre historicidade e ancestralidade. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.25, n.2, p.143-158, jan. 2004.

CORDEIRO, Izabel Cristina de Araújo. A perda da autonomia da capoeira em função da sua interrelação com o sistema desportivo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.13, n.1, p.104, set.1991.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. 2. ed. Bauru: EDUSC, 2002.

DIAS, Luiz Sérgio. **Quem tem medo da capoeira? Rio de Janeiro, 1890 – 1904**. Secretaria Municipal das Culturas. Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Arquivo geral da Cidade do Rio de Janeiro. Divisão de pesquisa. Rio de Janeiro,, 2001.

FALCÃO, José L. C. O processo de escolarização da capoeira. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Rio Grande do Sul, v.16, n.3, p.173-182, maio 1995.

_____. **As contradições da/na capoeira**. In: *Jornal do Capoeira*. Disponível em <<http://www.jornalexpress.com.br>>. Acesso em: 02 jun. 2005.

_____. O jogo da capoeira em jogo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.27, n.2, p.59-74, jan. 2006.

HALL, S. . **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HOBSBAWN, Eric J. **Sobre História**. tradução Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras,1998.

MESTRE ZULU. Depoimento sobre o ideário beribazu de capoeira. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 11, p. 64-68, set. 1989.

PASTINHA, Mestre. **Capoeira Angola**. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1988.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. *A Negra Instituição: Os Capoeiras na Corte Imperial. 1850-1890*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, departamento Geral de documentação e Informação Cultural. Divisão de Editoração. Rio de Janeiro, 1994.

VIANNA, Hermano. **O mistério do Samba**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2004.

VIEIRA, Luiz Renato. Criatividade e clichês no jogo da capoeira: a racionalidade do corpo na sociedade contemporânea. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 11, n.1, p. 58-63, set. 1989.

Autores:

Juliana Azevedo de Almeida

Av. Santa Leopoldina, 6ª etapa, Ed. Demantóide, apt. 302

Coqueiral de Itaparica – Vila Velha – ES

Cep.: 29102-906

e-mail: julazal@yahoo.com.br

Antonio Jorge G. Soares

Endereço: Theodor Herzl, 56 – 103 – Rio de Janeiro – Botafogo – RJ

Cep: 22260.030

e-mail: ajsoares@globo.com.br

Marcelo Nunes de Almeida

Endereço: Rua Desembargador Izidro, 23/16, cep: 20521-160

Tijuca - RJ – Rio de Janeiro

e-mail: esquilodorio@hotmail.com